



GALERIAS MODERNAS NO CENTRO DE SÃO PAULO: PROJETO, CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO

SAO PAULO DOWNTOWN AND MODERN GALLERIES: DESIGN, CONSTRUCTION AND PRESERVATION

Sabrina Studart Fontenele Costa
Centro de Preservação Cultural da USP, CPC-USP
fontenel@usp.br

Resumo

Este trabalho analisa o aparecimento, a consolidação e a preservação de um sistema de galerias modernas implantadas no térreo de edifícios modernos na cidade de São Paulo. Inicia a discussão a partir do levantamento histórico das transformações urbanas da área em estudo e do estímulo que foi dado em determinado período para a construção das mesmas. Analisa ainda a preservação das construções, seus programas e usos recentes e a relação que as mesmas estabelecem hoje com seu contexto urbano.

Palavras-chave: Galerias modernas, arquitetura moderna, metrópole e preservação.

Abstract

Nesta parte, os autores devem apresentar o resumo do artigo em inglês (com no máximo 200 palavras). Formatação igual ao do resumo (em português).

This paper analyzes the emergence, consolidation and preservation of a system of modern galleries deployed on the ground floor of modern buildings in the city of São Paulo. Start the discussion from the historical survey of the urban transformation of Downtown and the stimulus that was given in a given period for the construction of the same. It also analyzes the preservation of the buildings, programs and recent uses and the relationship that they establish today with its urban context.

Keywords: Arcades, modern architecture, metropolis and preservation.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o aparecimento, a consolidação e a preservação de um sistema de galerias comerciais implantadas no térreo de edifícios modernos na cidade de São Paulo. Inicia a discussão a partir do levantamento histórico das transformações urbanas da área em estudo e do estímulo que foi dado em determinado período para a construção das mesmas.

Analisa ainda a preservação das construções, seus programas e usos recentes e a relação que as mesmas estabelecem hoje com seu contexto urbano. Parte de uma análise histórica, bibliográfica e cartográfica e de trabalho de campo.



2 A CONSTRUÇÃO DA REDE DE GALERIAS MODERNAS

2.1 Transformação urbana e incentivo legal

A cidade de São Paulo nasceu em um plateau triangular natural em cujos vértices se instalaram, em diferentes épocas, edifícios religiosos – Mosteiro de São Bento, Convento do Carmo e Convento de São Francisco – e permaneceu durante muitos anos com as principais funções urbanas realizadas neste polígono (PETRONE, 1955). A partir da década de 1930, a área localizada a oeste desse conhecido “Triângulo Histórico” passou por uma forte transformação urbana dada a execução das obras viárias e da construção de novos edifícios na cidade. As transformações tratadas neste texto referem-se especialmente às espaciais e culturais, possibilitadas especialmente pelo forte crescimento econômico pelo qual a cidade passou com a produção de café e com o início da industrialização.

Na região do Centro Novo, os espaços projetados nos térreos de alguns edifícios modernos funcionaram como áreas de circulação e de permanência do público que se deslocava apressado e encontravam nas confeitarias, cafés, bares, restaurantes ou mesmo livrarias, um local para uma pausa, descanso ou troca de ideias.

Esses percursos abertos pelos interiores dos edifícios do Centro Novo foram incentivados pelo poder público. O decreto-lei nº 41 (03/08/1940), do prefeito Prestes Maia, atuava sobre a avenida Ipiranga e suas construções, estimulando diretamente a criação de espaços de fluidez e passagem nos térreos dos edifícios dispostos ao longo desta via, conforme descrito abaixo:

Art. 9 – As construções com mais de 20 pavimentos deverão ter ao nível do passeio público reentrância (portal, galeria, colunata ou arcada aberta), ocupando, no mínimo, 1/3 da frente do lote, com profundidade e superfície nunca inferiores, respectivamente a 3,5ms e 30m².

Parágrafo único – estudar a Prefeitura a concessão oportuna de favores especiais para os prédios que não possuem corpos superelevados (art. 4) e cujos pavimentos térreos apresentem recuos, galerias, colunatas ou arcadas, equivalentes a uma ampliação dos passeios, utilizáveis para mesas de café, bares, etc. (Prefeitura do Município de São Paulo, 1941).

É importante compreender nessa lei a presença do termo “favores especiais”, demonstrando o grande interesse do governo municipal para a construção de tais espaços de conveniência, incentivando-os ao atrelá-los ao desejo da iniciativa privada em construir edifícios cada vez mais altos, em prol de uma maior rentabilidade econômica. Assim, dentro de um edifício com limites urbanos muito bem definidos, pelos lotes com o desenho da cidade histórica, eram criados tais lugares que possibilitavam as trocas e sociabilidades entre os usuários da região central, funcionando como espaços semipúblicos ao longo das grandes vias (COSTA, 2015).

2.2 A arquitetura moderna e as galerias

Os edifícios aqui explorados relacionam-se diretamente com a tipologia que surgiu no século XIX: as galerias¹. Segundo Hertzberg (1999, p. 76), “o princípio da galeria voltou a adquirir relevância local quando o volume do trânsito nas ruas do centro das cidades tornou-se tão pesado que surgiu a necessidade de áreas exclusivas para pedestres, de um ‘sistema’ exclusivo para os pedestres ao longo do padrão existente das ruas”. O princípio que se apresenta nesta tipologia, e que foi reproduzido



em alguns edifícios do Centro de São Paulo é o da possibilidade de circulação por dentro dos prédios, garantindo uma forte dinâmica urbana.

Nos lotes urbanos antigos próximos à Praça da República, eram frequentes empreendimentos imobiliários que propunham uma nova forma de ocupar o lote existente, muitas vezes liberando o solo para atividades urbanas. Pilotis, corredores-ruas, acessos por diferentes níveis, liberação do térreo e construção de galerias enfatizavam a íntima relação entre os espaços internos e externos nas construções modernas, ou seja, espaços privados com características de espaços públicos. Em diversos edifícios modernos da região, a permeabilidade possibilitada pelas galerias e pilotis aliada à diversidade de funções presentes nos pavimentos térreos possibilitaram que seus espaços internos se configurassem como espaços da cidade onde pessoas circulam, deslocam-se e permanecem.

No caso de São Paulo, o que se entende por “galeria comercial” apresenta um desenho que se diferencia da proposta original europeia, em especial da francesa. Configuram-se como corredores de ligação entre ruas (na maioria das vezes, duas) com frentes de lojas voltadas para o seu interior. Estas galerias ligavam vias com um fluxo alto de passagens de pessoas, não apresentavam iluminação zenital, nem se destacavam pelo corredor central com pé-direito duplo ou triplo, porque, em geral, localizavam-se no pavimento térreo de edifícios de vários andares.

As galerias comerciais paulistanas surgiram a partir da década de 1930 como uma solução ao problema da escassez de lotes voltados para o comércio do Centro Novo. A região era procurada pelos principais investidores como lugar para o sucesso de empreendimentos imobiliários e comerciais. A construção destas galerias mostrava-se uma alternativa aos investidores interessados em ter seus pontos comerciais com frente para os lugares de passagem dos transeuntes.

Foi especialmente entre as décadas de 1950 e 1960 que este tipo de arquitetura ganhou força no Centro de São Paulo, tendo inclusive o incentivo legal do poder municipal para sua proliferação por algumas vias específicas do Centro¹. Como as testadas de frente para essas ruas de intenso fluxo de pessoas já estavam quase todas ocupadas, a possibilidade de criar novas lojas com as vitrines expostas ou voltadas para novos caminhos pela região foi bastante aceita.

2.3 Espaço arquitetônico, espaço público e sociabilidade da região

Um estudo de campo realizado durante a pesquisa de doutorado apontou a existência de vinte edifícios com espaços de passagem em seus térreos. A concentração de galerias na região do Centro Novo aumentou a possibilidade de deslocamentos pela região. Os caminhos possíveis não se resumem àqueles estabelecidos pelas vias públicas, mas também pelas passagens criadas nos pavimentos térreos. Esta rede de galerias torna as quadras muito mais permeáveis pela presença de espaços vazios em meio à alta concentração de edifícios da região e muda a densidade da malha urbana no nível do pavimento térreo.

A inserção desses diversos edifícios pelo Centro Novo tornou possível a conexão entre ruas paralelas e diminuiu a distância entre diversos espaços públicos. É possível, por exemplo, estabelecer uma conexão entre a Praça Ramos de Azevedo e o Vale do Anhangabaú com a Praça Dom José Gaspar a partir das galerias Rua Nova Barão, das Artes, 7 de Abril e Ipê. Este mesmo conjunto quando conectado às galerias Itá-R. Monteiro ou Guatapará e Grandes Galerias realizam um percurso alternativo entre a Praça Dom José Gaspar e o Largo Paissandu. Da mesma maneira, a ligação entre as galerias Olido e o Conjunto Apolo apresentam um caminho alternativo para conexão entre o Largo Paissandu e a Praça da República que não seja pelas avenidas São João e Ipiranga.

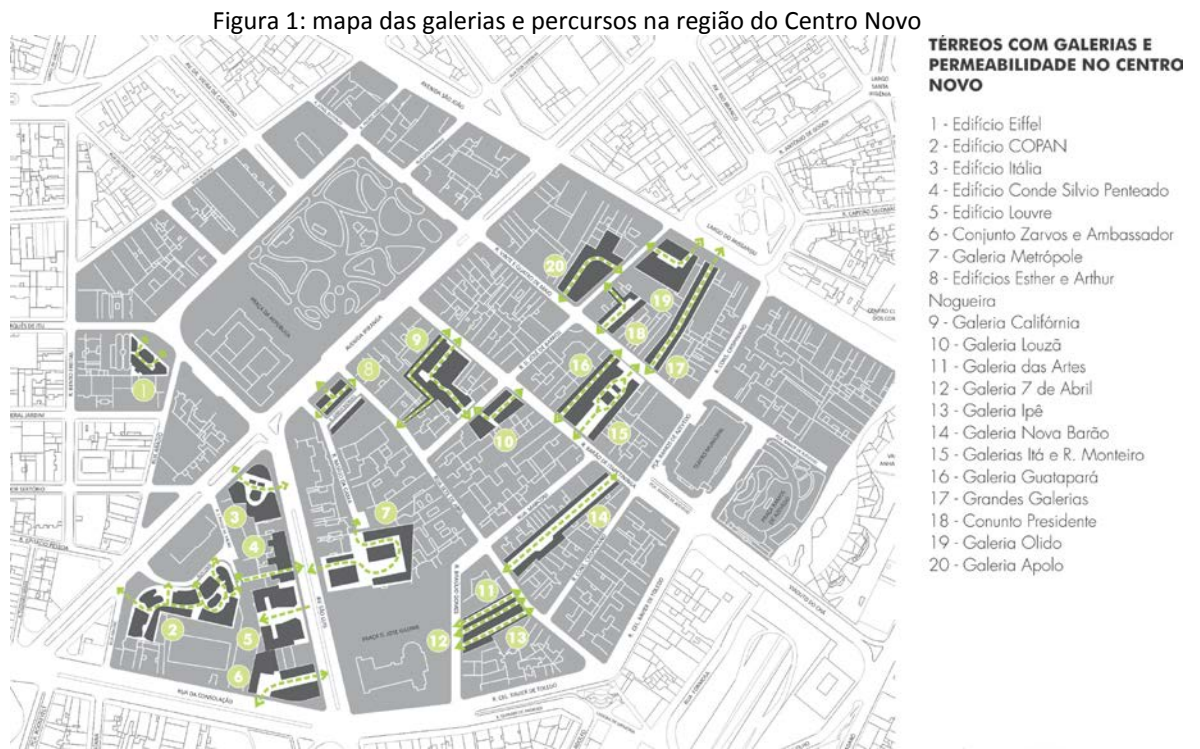
¹ A lei nº 5.114 (28/02/1957) obrigava que as edificações nos lotes com frentes para as ruas Direita, São Bento, 24 de Maio e 7 de Abril tivessem galerias junto aos alinhamentos.



Em geral, dois fatores contribuíram diretamente para o sucesso do empreendimento perante o público passante da região: programa e projeto de arquitetura. Entenda-se sucesso como a capacidade de atrair os transeuntes do Centro Novo que por ali passavam a passeio, trabalho ou outra obrigação. Sobre o programa, em geral, a diversidade de atividades garantiam um uso mais intenso destes espaços. Cafés e bares funcionavam como áreas de encontros e debates. Galerias com cinemas – como a Califórnia, Olido, Metrópole – atraíam um público em outros períodos além do horário comercial. Com relação à arquitetura, o uso de marquises nas fachadas marcava o acesso ao edifício, o desenho dos corredores não tão estreitos, com desenhos diferenciados da linha reta, mostravam-se como percursos mais atraentes, o pé-direito alto deixava o espaço interior mais agradável.

O desenho dos pavimentos térreos dos edifícios modernos que apresentam galerias funcionavam como continuidade do espaço público de seu entorno, seja pelo fluxo de pessoas que por ali se deslocavam, seja pelas atividades que ocorriam quase como uma extensão do que ocorre ao seu redor. A vitalidade da área era garantida pela forte concentração de atividades comerciais, negócios e lazer, mas também pelos diversos eventos artísticos que ocorriam nos edifícios. Ali também ocorria grande parte dos eventos culturais, artísticos e sociais da cidade entre as décadas de 1940 e 1960.

A figura 01 apresenta os térreos dos edifícios modernos como espaços vazios, de uso público e a relação que estabelecem com as praças, ruas, avenidas da região. A figura demonstra o pavimento térreo configura-se como continuação do espaço urbano ao seu redor. Sua presença nesta região do Centro Novo, nas proximidades de um conjunto de outras galerias, estabelece um diálogo direto com o contexto urbano que era construído – conforme apresentado no mapa abaixo. A vitalidade nas ruas saía das calçadas e invadia os espaços internos. A animação dos quarteirões próximos adentrava a galeria, inclusive pelos pavimentos superiores e inferiores ao térreo. A configuração da planta dos térreos se dava em torno da organização dos acessos e das áreas de circulação interna.



Desenho: Sabrina Fontenele (COSTA, 2010)



3 RECONHECENDO OS ANTIGOS CIRCUITOS: A PRESERVAÇÃO DAS GALERIAS MODERNAS DE SÃO PAULO

No final da década de 1960, os grandes empreendimentos imobiliários deslocaram-se para outras áreas da cidade, especialmente na região da avenida Paulista. Na região central, os edifícios modernos com torres de habitação e escritório e galerias no térreo passaram por um processo de esvaziamento gradual. Restaurantes, cafés, lanchonetes foram sendo fechados, enquanto os antigos cinemas que ali se localizavam – e acomodavam um grande número de espectadores – também foram assumindo outras funções. O processo de esvaziamento avançou até o final da década de 1990, quando a procura por esses espaços atraiu um público alternativo interessado em espaços de trabalho numa região com infra-estrutura disponível e mobilidade urbana.

Nas últimas décadas, muitas das galerias especializaram-se em demandas específicas. Assim, desde a década de 1980, a Grandes Galerias² atraiu um público interessado em artigos musicais, roupas, tatuagens, entre outros. e ficou conhecida nacionalmente como “galeria do rock”. Abriga lojas de calçados, discos, salões de cabelereiro e estúdios de tatuagem e piercings. O seu uso é intenso e seu estado de conservação muito bom, preservando os espaços de circulação vertical, divisão espacial e respeitando os vazios e visuais ao longo dos corredores.

A poucos metros das Grandes Galerias, encontra-se a Presidente, hoje especializada em artigos afros, enquanto a Galeria 7 de Abril abriga lojas de equipamentos fotográficos para amadores e profissionais e a Zarvos destaca-se pela presença das agências de turismo.

Os espaços de comércio, lazer e cultura estão ainda presentes nas galerias. Infelizmente, os cinemas das galerias – tão importante no contexto histórico e cultural de São Paulo – estão fechados ou abrigam usos diferentes: espaço de culto religiosos, jogos, entre outros.

Algumas galerias de arte utilizam-se de antigos espaços para expor obras, realizar debates e acolher artistas, a exemplo da Pivô, localizada no Copan que se utilizou do espaço do antigo ambulatório do edifício projetado por Oscar Niemeyer na década de 1950, um dos cartões postais da cidade de São Paulo (XAVIER, 2007). O espaço onde funciona a área expositiva estava fechado há quase vinte anos e foi reaberto por uma organização sem fins lucrativos há três anos. O próprio Copan pode ser visto como símbolo do “renascimento” desses espaços na área central. Passando por décadas de degradação de sua estrutura física, hoje está em fase de restauração das fachadas. No térreo, uma série de novos empreendimentos ocupam as lojas de sua galeria com restaurantes, cafés, padarias e serviços (ver figura 02).

No entanto, é preciso deixar claro que a relação que esses espaços arquitetônicos estabelecem com os espaços públicos não é a mesma da época de sua construção. Se anteriormente, o deslocar pelos interiores era permitido e até estimulado – pela presença das marquises, acessos generosos, desenho de piso - hoje os circuitos de câmeras e as grades demonstram que a questão da segurança está presente entre os administradores e usuários dos locais. A ideia da urbanidade nos interiores percebida entre as décadas de 1950 e 1960 (COSTA, 2015) hoje está diluída entre as práticas brasileiras de reforça o controle das propriedades privadas.

Além disso, as iniciativas de recuperação dos espaços das galerias acontecem de maneira bastante pontual. Os proprietários e locatários de lojas investem em seus limites físicos. Em geral, falta uma política de gestão dos complexos arquitetônicos de maneira a preservar os espaços comuns. Faltam ações que se proponham a recuperar as características arquitetônicas originais: pisos, forros, murais, iluminação etc.

² O edifício das Grandes Galerias foi projetado em por Alfredo Mathias e tem seus acessos voltados para duas importantes vias comerciais do Centro (ALEIXO, 2005).



Dois exemplos ilustram a situação apresentada: Copan e Metrópole. Enquanto no primeiro caso, o síndico do conjunto assumiu o cuidado com as áreas comuns do edifício (mantendo a limpeza, os cuidados de manutenção e respeitando os espaços coletivos), no conjunto Metrópole, a administração permitiu a descaracterização do conjunto.

Figura 2 – acesso à galeria comercial do Copan.



FOTO: Sabrina Fontenele (COSTA, 2010).

O edifício Metrópole desenvolve-se por meio dos cinco pavimentos da galeria comercial aberta que se implantam em frente a uma praça arborizada e com grande vitalidade onde se encontra a Biblioteca Municipal. O deslocamento pela galeria comercial apresentava aos seus usuários espaços abertos com uma diversidade de visuais, perspectivas, cores e ângulos. As partes eram bem desenvolvidas e o projeto parecia defender profundamente a ideia de urbanidade em seus espaços internos. A planta da galeria desenvolveu-se em função do acesso pelas diferentes vias adjacentes. Atualmente, a implantação de quiosques de venda de comida ao longo desses espaços de circulação descaracteriza essa ideia de continuidade do espaço público e dificulta a leitura da arquitetura original.



Figura 03: acesso à Galeria Metrópole



FOTO: Sabrina Fontenele (COSTA, 2010)

3. CONCLUSÃO

A produção da arquitetura moderna do Centro de São Paulo, construída em meados do século XX, possui uma relação com o contexto urbano em que se inseriu. O desenho de seus térreos aponta a liberdade de projeto possibilitada pela separação do sistema estrutural das vedações – princípio básico da arquitetura moderna –, o que garantiu novos arranjos espaciais e assegurou a relação de continuidade com o lugar onde se inseriu. Assim, ficou claro que construindo espaços de circulação nos térreos, associados a um programa diversificado ao longo das ruas internas, os imóveis tornavam-se mais rentáveis financeiramente. Isso estimulou a consolidação da rede de galerias comerciais na área do Centro Novo, possibilitando novas passagens, deslocamentos e também encontros.

A pesquisa de doutorado, realizada entre os anos de 2006 e 2010, demonstrou que entre as décadas de 1950 e 1960, a densidade de galerias comerciais desses novos conjuntos é marcante, especialmente nas quadras inseridas em um perímetro que pode ser definido a partir de quatro espaços públicos de grande relevância na região central: praças da República, Dom José Gaspar, Ramos de Azevedo e largo do Paissandu. Havia uma forte relação entre esses edifícios e seu contexto urbano, a partir da legislação rigorosa e também da disposição dos lotes. Os conjuntos modernos não buscavam se isolar como edifícios autônomos, mas estabeleciam uma forte relação com o conjunto edificado próximo. Enquanto que atualmente, os conjuntos não mais se articulam como um sistema, mas se apresentam como pontos isolados no contexto urbano. Não enfatizam a presença dos outros pontos, como ocorria no período de sua construção, mas buscam atrair investimentos e usuários apenas para seus próprios espaços.



Assim, é possível afirmar que entre as décadas de 1940 e 1960 a rede de galerias instalada nas proximidades da Praça da República se destacava que estabeleciam entre os diversos edifícios e propagavam a ideia de deslocamento entre seus espaços internos; enquanto que hoje, cada edifício opta pela sua especificidade de uso para estimular o convite ao público que se desloca pela região. Assim, os vinte conjuntos identificados no contexto de meados do século XX não é tão perceptível como sistema, mas, apenas, como pontos isolados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIXO, Cynthia Augusta Poletto. **Edifícios e galerias comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60.** (dissertação de mestrado). São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos, 2005.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Relações entre o traçado urbano e os edifícios modernos no centro de São Paulo. Arquitetura e Cidade (1938/1960).** São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2010. (tese de doutorado).

_____. **Edifícios modernos e traçado urbano no Centro de São Paulo.** São Paulo: Editora Annablume, 2015.

HERTZBERG, Herman. **Lições de Arquitetura.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

PETRONE, Pasquale. **A cidade de São Paulo no século XX.** In: SILVA, Raul de Andrade (org.). A evolução urbana de São Paulo. São Paulo, s.n., 1955.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Decreto-Lei n.41, de 3 de agosto de 1940.** In: Decretos-Leis e Decretos do município de São Paulo do ano de 1940, pp. 42-46. São Paulo, 1941.

XAVIER, Denise. **Arquitetura metropolitana.** São Paulo, Annablume, Fapesp, 2007.